REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS DA MAMOA 1 DE CHÃO DE BRINCO (CINFÃES)

Eduardo Jorge Lopes da SILVA *

1. INTRODUÇÃO

Desde que o importante trabalho de inventariação e sistematização de Elizabeth Shee foi publicado (1981), no que concerne à Arte Megalítica do Ocidente europeu, várias e importantes descobertas, neste domínio, ocorreram. Duas dessas manifestações foram por nós detectadas, recentemente, no Norte de Portugal. Tais descobertas inserem-se num contexto megalítico, resultando de um trabalho de campo sistemático, cujas escavações se integram num projecto de investigação amplo, subscrito pelo autor, que contempla a zona nordeste portuguesa e a bacia hidrográfica do Douro. Este programa, para além de objectivos de carreira universitária, prolonga, assim, o primeiro estudo de grande fôlego realizado em Portugal, nesta área, pelo Professor Vítor Oliveira Jorge, que tomou por território base a Serra da Aboboreira.

Os dois casos inéditos que agora se apresentam resultaram da escavação de um monumento megalítico e são completamente diferentes quanto à forma, embora ambos estejam unidos pelas suas características antropomórficas.

Uma outra representação do mesmo tipo foi por nós assinalada durante a escavação da Mamoa de Afife (Viana do Castelo). Destes dois casos se deu notícia no "115e. Congrès National des Sociétés Savantes" (Avignon, França, 9-15 de Abril de 1990).

Pela sua raridade e extraordinária importância no contexto da arte móvel megalítica europeia, iremos privilegiar, agora, a representação humana inscrita num monólito granítico que, ainda que provisoriamente, aqui designaremos de "estela".

2. AS GRAVURAS ANTROPOMORFICAS DA MAMOA 1 DE CHÃO DE BRINCO (CINFÃES)

A Mamoa 1 de Chão do Brinco é um monumento de grandes dimensões, situado na Serra de Montemuro, a cerca de 1000 metros de altitude, fazendo parte de um núcleo de 3 mamoas, sendo a que mais se destaca na paisagem. Do seu espólio ressalta o elevado número de contas de colar, discoides, em xisto (cerca de 4 mil), 2 dezenas de micrólitos em sílex, uma minúscula e rara peça em ouro, além de cerâmica campaniforme. Da sua estrutura megalítica, restaram, apenas, 3 esteios em granito, dos quais 2 com gravuras e um com ténues, mas inequívocos, vestígios de pinturas. O esteio de cabeceira apresenta-se profusamente insculpido, sendo os motivos, predominantemente, de tipologia meandriforme. Frente a este, na direcção de Nascente, a escavação revelou uma estrutura que pode, ainda que com reservas, ser considerada como um "corredor incipiente", não usual no megalitismo português. Na

entrada desta estrutura surgiu uma pedra, de configuração rectangular, tendo na superfície interna (voltada para a câmara) um conjunto de gravuras, de que ressalta um motivo que pode ser considerado como um antropomorfo esquemático, de membros arqueados, localizado na parte superior do suporte lítico.

No decurso da 1ª. campanha de escavações realizada neste monumento (Verão de 1988) foi por nós encontrada, na zona da câmara dolménica (local que, apesar de remexido, forneceu a maioria do espólio), uma pedra alongada, em granito que, quando observada com mais cuidado, evidenciou uma gravura de feição antropomórfica.

3. DESCRIÇÃO DA ESTELA

Trata-se de uma pedra em granito, de configuração entre o sub-rectangular e o sub-trapezoidal, bastante alongada, diminuindo de largura para a base. As suas medidas são as seguintes: comprimento: 1,16m; largura na parte superior: 0,19m; largura na parte média: 0,11m; largura na parte inferior: 0,08m; espessura: 0,08m.

A pedra apresenta um lascamento na parte lateral direita.

A gravura inscrita na face mais plana é constituída por 3 linhas que se prolongam, mais ou menos paralelamente, e em comprimento, até quase à parte média da pedra. O comprimento do sulco central é de 0,45m. O do lado esquerdo tem uma extensão de 0,50 m ou 0,65 m. A largura média é de cerca de 1 cm e a mínima de 0,5 cm. Na parte média-inferior da pedra notam-se, ainda, 3 vestígios de sulcos, não definindo qualquer motivo compreensível.

Do ponto de vista de técnica operativa, os sulcos são pouco profundos e algo irregulares, tendo sido obtidos por picotagem. Um deles, definindo uma linha fechada na parte superior, corre quase paralelo à linha de contorno exterior da pedra, abrindo-se, apenas, na parte inferior. Posicionando-se segundo o eixo de simetria da pedra, corre um outro sulco, que divide o espaço gravado sensivelmente a meio. A uma distância aproximadamente simétrica daquele, são bem visíveis duas pequenas concavidades, situadas a cerca de 1 cm da linha horizontal superior.

3.1. Interpretação

De uma forma imediata, verifica-se que estamos perante uma pedra, cuja morfologia foi concebida de forma a conceder-lhe a possibilidade de ser implantada verticalmente no solo. O primeiro vestígio de sulco surge, apenas, a 28 cm da base. A parte superior do monólito apresenta duas protuberâncias nas extremidades laterais, que poderão ser anatomicamente intencionais (orelhas?). Compare-se com a estela de Lauris-Puyvert (Bouches-du-Rhône), França. (ARNAL, 1976, p.214, fig. 2).

Quanto à gravura propriamente dita, é indiscutível a sua concepção antropomórfica. Os olhos estão bem representados, de forma simétrica e esteticamente bem cuidada. A linha central define, sem duvida, o nariz. É evidente o exagero, comum a outras representações semelhantes, por certo em razão de conceptualizações de índole simbólico-religiosa. Esta representação, que impressiona pela sua simplicidade, desenvolve-se num estilo longilíneo, característico de outras imagens tidas como ídolos ou figuras tutelares.

E inegável que este monólito foi concebido para se manter na posição erecta, funcionando, portanto, como uma pequena estátua. Como classificá-lo, tipologicamente? Em termos convencionais, e atendendo ao seu pequeno tamanho, poderemos considerá-lo como uma "estela", embora possua atributos que o fariam incluir no grupo das "estátuas-menir". Jean Arnal insiste no facto de que "a estátua-menir representa, por inteiro, uma só personagem, masculina ou feminina, cuja silhueta se confunde com o seu bordo exterior" (ARNAL, 1976, p. 211). Naturalmente que este pormenor também é aplicável à representação antropomórfica de Cinfães. Por seu turno, Jean-Pierre Mohen (MOHEN, 1989), caracteriza o termo "estela" como um "monólito de dimensões modestas (menos de 75 cm de altura), apresentando uma só face decorada de gravuras em alto-relevo ou de esculturas em baixo-relevo". Para André d'Anna, "estátua-menir" será um monólito representando "o corpo humano na sua totalidade, tanto na face anterior como na posterior, esculpido em baixo-relevo ou, por vezes, gravado. 0 tamanho é variável, situando-se entre os 75 cm e os 4 metros. A forma é, geralmente, rectangular ou subrectangular, podendo apresentar-se arredondada ou em ogiva na parte superior" (D'ANNA,1977).

Este é, também, um dos aspectos que confere ao monólito antropomorfo de Cinfães um especial interesse, já que possui características que tanto o podem incluir no mundo das estátuas-menir, como no das estelas. Poderemos considerá-lo como elemento de transição? Nas caracterizações tipológicas ter-se-á de equacionar, normalmente, mais do que um atributo.

Sendo um assunto polémico e complexo, tomaremos para nós, como elementos classificativos, os seguintes: monólito de pequenas dimensões, concebido para ser colocado verticalmente; aproveitamento de uma só face; talhe grosseiro do perfil; um único motivo insculturado, de feição antropomórfica; ausência de boca; nariz alongado.

Apesar de não possuir algumas características comuns às estelas, preferimos classificar este monólito como tal, ainda que provisoriamente.

Sendo difícil encontrar paralelos absolutos para esta representação, parece-nos pertinente fazer uma rápida viagem pelo mundo da arte rupestre megalítica do Ocidente europeu. No extenso repositório de manifestações de arte megalítica conhecidas, verificamos a existência de um conjunto de gravuras que podem ser agrupadas segundo o critério que aqui mais nos interessa: o esquematismo antropomórfico.

Assim, em Corão, Abamia, Cangas de Onis, Astúrias, surge, no esteio de um megálito, uma figura antropomórfica, onde são visíveis os olhos e o nariz. Em Poulguen, Penmarc'h, Pont l'Abbé, Finisterra, França, há um motivo, ambiguamente duplo, assemelhando-se à estela de Cinfães.

Esta ideia ganha mais força se atentarmos em outras representações, nomeadamente nos motivos conhecidos por "escutiformes" ("écussons"), característicos da região da Bretanha, como em Les Pierres-Plates, Locmariaquer (Morbihan), Le Rocher, Le Bono (Morbihan), Ile Longue, Larmour Baden (Morbihan) Barnenez, Plouézoch (Finisterra), entre outros. 0 mesmo paralelismo de linhas verticais, correspondentes à configuração do rosto, muito próximo da estela de Cinfães, pode ser observado em Goerem, Gâvres (Morbihan). Estes traços vão sofrer uma duplicação, mantendo-se a linha mediana, vertical, ganhando outros atributos, como os olhos, e elementos tidos como tatuagens faciais, como se pode ver em Luffang, Aurey (Morbihan), Les Pierres Plates, até atingir o seu apogeu em Gavrinis, Larmor-Baden,

através de uma máxima complexificação, numa duplicação interpenetrada dos mesmos motivos, com o preenchimento de todos os espaços vazios.

Entretanto, se isolarmos o contorno da figura antropomórfica da estela de Avignon, podemos verificar o paralelismo das linhas laterais e a grande inflexão que representa o nariz. Esta "matriz" pode ser sobreponível em significativo número de representações parietais de arte megalítica de feição antropomórfica. Mais evidentes são, ainda, as figuras gravadas nas duas faces da pequena estela de Isle-sur-Sorgue (Vaucluse) (46cm) ou, até, na de Balance, Avignon.

O motivo da laje C 6 de Gâvres (Morbihan) parece transportar-nos para as representações antropomórficas das placas de xisto do megalitismo alentejano.

Neste percurso, vemos como a linha simples do contorno das faces, oculadas ou não, se enriqueceu, dando uma ideia de volume através da sua duplicação, surgindo outros atributos, como os pavilhões auriculares (esteio L12 de Le Rocher) e as tatuagens faciais (Les Pierres-Plates – R10, R12 e R14).

Um outro aspecto que nos parece importante focar é o estabelecimento da ponte entre a arte parietal de tipo antropomórfico e a arte móvel do mesmo tipo. Certos pormenores, patentes na arte parietal megalítica, vão surgir, também, nos ídolos de calcário da Estremadura (ídolo plano-convexo de Casaínhos, Fanhões), nos ídolos-falange e até nos vasos, com olhos, de tipo Los Millares (Almeria).

Por seu turno, e quanto a nós, o mundo das placas de xisto antropomórficas do megalitismo alentejano merece ser chamado para este contexto. Em alguns aspectos, elas parecem consubstanciar já a terceira dimensão do antropomorfismo linear existente nas representações parietais, apresentando-se gravadas na face posterior, embora raramente.

Nuns casos, é manifesta a existência de atributos realistas da representação humana: ombros, olhos, nariz, braços, mãos, dedos e tatuagens. É notória a ausência da boca. A simplificação, que implica um elevado grau de abstracção e de conceptualização, surge, aqui, através da eliminação de certos atributos anatómicos, graças a uma carga simbólico-funerária, enquanto aumenta a riqueza tida como decorativa. Será que, neste caso, como na arte parietal megalítica, se deu uma evolução no sentido do abstracto, de uma geometrização que ultrapassa o figurativo? Ou estaremos perante uma situação de polimorfismo, de coexistência de formas, estilos e concepções diferentes?

Não deixa de ser curioso lembrar que, em alguns monumentos megalíticos, se nota já uma tentativa de configurar, nos esteios, os atributos humanos, através de relevos, numa antecipação à terceira dimensão integral, que atingirá o seu apogeu nas estátuas-menires. Como exemplo, vejam-se as representações de rostos e/ou colares, com as adjacentes evidências de seios, surgidos em dois ombrais do monumento de La Pierre Turquaise, Val d'Oise, França.

Outros exemplos poderão encontrar-se nas 4 estelas antropomorfas da Anta da Parxubeira (Galiza-Espanha), de pequeno tamanho e com o contorno dos ombros (ou braços), localizadas na base do túmulo e frente ao corredor; nas recentemente descobertas lajes megalíticas esteliformes de Asnela, Cabeceiras de Basto (50 cm de altura) e na estátua da Boalhosa, Paredes de Coura, de ambiência megalítica. Não será uma transição para as designadas esculturas de "vulto" ou em "ronde-bosse"?

4. CONCLUSÕES

1. Uma das primeiras ideias a reter desta exposição é o facto de serem muito raras as representações antropomórficas na arte megalítica, quer parietal, quer móvel.

No caso do dólmen de Afife (Viana do Castelo), a figura humana surge de forma evidente, ainda que reduzida a uma linearização reducionista, em que o esquematismo é bem patente. Na laje C 1 do monumento megalítico de St. Piat (Le Berceau), Maintenon (Eure-et-Loir), pode ver-se, do lado direito, um motivo constituído por um sulco vertical, com 3 linhas curvas, de origem comum, projectadas para cada lado daquele sulco. Parece-nos um motivo antropomórfico, do tipo de alguns encontrados na Arte do Vale do Tejo, ainda que, aqui, as linhas curvas sejam contínuas. De qualquer modo, o esquematismo é, também, evidente.

2. No breve conspecto que apresentamos, verifica-se que as representações humanas se encontram em monumentos megalíticos de arquitectura mais evoluída, ocupando, quase sempre, isoladamente, a parte central do suporte lítico, num contexto rico de outras manifestações de arte megalítica. Isto é tanto verdade nos exemplos apontados para França, como para os casos portugueses de que, agora, se dá notícia. Em ambas as situações, é notório o elevado número de esteios decorados.

3. A localização topográfica dos motivos antropomórficos é outro pormenor que interessará ter em conta. A sua localização, na câmara ou no corredor, poderá estar ligada ao simbolismo das próprias representações.

4. Em alguns casos, verifica-se uma preferência operativa por alguns painéis líticos. Julgamos que, tal como acontece na arte parietal das grutas da região franco-cantábrica, pode haver situações em que se tenham regravado motivos ou insculpido novos em áreas que, por uma razão ou outra, ganharam uma maior carga simbólica, através de uma mais intensa sacralização desse espaço.

5. Em termos de interpretação funcional, parece haver um certo consenso quanto à ideia de se estar perante representações de entidades ou divindades protectoras do ou dos inumados, desempenhando o papel de guardas dos mortos. Toda a ambiência dos próprios monumentos megalíticos abona nesse sentido. A crença numa vida além-túmulo está bem plasmada na concepção do megálito e nos rituais que lhe andaram associados. Autores há que admitem que as estelas com figurações humanas possam corresponder à expressão do próprio inumado, numa espécie de "duplo", ou, até, à própria morte, numa representação "convencional e alegórica" (Fernand Benoit; S. Gagnière e J. Granier). Como quer que seja, poder-se-á falar aqui de figuras tutelares, de imagética antropomórfica ou antropomorfizante, configurando complexos e plurais padrões ideológico-religiosos.

6. A estela de Cinfães apresenta características embrionárias da representação humana, na sua morfologia lítica. Essa característica de proto-escultura humana encontra paralelos nas placas de xisto do megalitismo alentejano, na estátua da Boalhosa (Paredes de Coura) e nas estelas da Parxubeira (Espanha). Será, pois, do mundo megalítico que arranca a concepção das estátuas-menires. A estela de Chão de

Brinco, pela sua reduzida espessura, pode ser vista como uma placa alongada de granito, totalmente plana, colocando-se, provavelmente, numa anterioridade relativamente a formas mais desenvolvidas morfologicamente, com o acrescentamento de outros atributos próprios das estátuas-menires. Interessante será a observação comparada da estátua-menir de Durenque, Aveyron ("L'étrangère"), em micaxisto, com uma altura de 1,25 m, face a algumas placas de xisto antropomórficas, como, por exemplo, as da Anta da Marquesa (Marvão), ou as placas com cabeça recortada de Idanha-a-Nova. Morfologicamente, o paralelismo parece-nos evidente.

7. Numa análise estilística, a estela de Chão de Brinco mostra-nos uma tendência para o alongamento das linhas da figuração humana. Possui alguns atributos comuns às estelas francesas da região de Avignon, tais como o nariz em traço contínuo (em T), o rosto em figuração de "mocho" e a ausência de boca. Esta última característica (ausência de boca) é comum às pequenas estelas referidas. Parece corresponder a uma supressão intencional daquele atributo, com conotações rituais, ligando-se, assim, estas figuras ao mundo do silêncio funerário.

Nas próprias estátuas-menires, como acentua Jean Arnal, a representação do nariz é muito longa, pormenor que pode relacionar-se, de alguma forma, com a figura insculpida na estela que agora se apresenta. Cremos estar-se, assim, perante a existência ou perduração de certos cânones ou regras estilísticas, ainda que com desenvolvimentos autónomos, consoante as regiões onde floresceram.

8. É natural que se espere o apontar de uma cronologia para a representação da figura humana, inédita, agora revelada. Este é, quase sempre, um dos aspectos mais controversos, entre os especialistas. Relativamente a França, Arnal propõe, para as estelas, uma idade de 2.500. Para S. Gagnière e J. Granier (1976) estas representações são, na maioria dos casos "sincrónicas do "fenómeno megalítico", parecendo atingir o seu apogeu, em França, no Calcolítico". Já para Jean Courtin, elas situar-se-iam no Neolítico final.

Quanto aos exemplos portugueses da Mamoa de Chão de Brinco, não se possuem, ainda, datações válidas de radiocarbono para o monumento onde surgiram. Pelo espólio, porém, podem enquadrar-se os motivos apresentados, ainda que provisoriamente, no período Calcolítico. Como vimos, esta é, também, a cronologia genericamente proposta para as estelas francesas, ainda que, na sua maioria, não possuam contexto preciso. Este facto vem dar uma importância acrescida à estela de Cinfães, atendendo ao seu inequívoco contexto megalítico.

Não pretendemos alongar mais estas considerações. Espera-se que as mesmas possam servir de ponto de partida para outras leituras, outras análises, outras reflexões, outras interrogações.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

ARNAL, Jean (1976), *L'art protohistorique: les statues-menhirs de France*, "La Préhistoire Française", T. II, Editions du C.N.R.S., Paris, pp. 211-236.

BEHRMANN, Balbín; RAMIREZ, Primitiva Bueno (1993), *Représentations Anthropomorphes Mégalithiques au centre de la Péninsule Ibérique*, Actas do "115e.Congr. Nat. des Soc. sav.", Avignon, 1990, Pré- et Protohistoire", Paris, p. 45-56.

COURTIN, Jean (1962), *Les dolmens à couloir de Provence Orientale*, "L'Anthropologie", 66 (3-4).

D'ANNA, A. (1977), *Les Statues-Menhirs et Stèles Anthropomorphes du Midi Méditerranéen*, CNRS, Paris.

GAGNIÈRE, S. (1963), *Les stèles anthropomorphes du Musée Calvet d'Avignon*, "Gallia Préhistoire", 6-1, pp. 31-62.

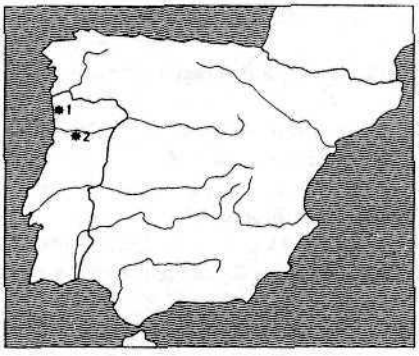
GAGNIÈRE, S.; GRANIER, J. (1976), *Catalogue Raisonné des stèles Anthropomorphes Chalcolithiques du Musée Calvet d'Avignon*, Musée Calvet, Avignon.

MOHEN, J.P. (1989), *Le Monde des Mégalithes*, col. "Archives du temps", Casterman, Paris.

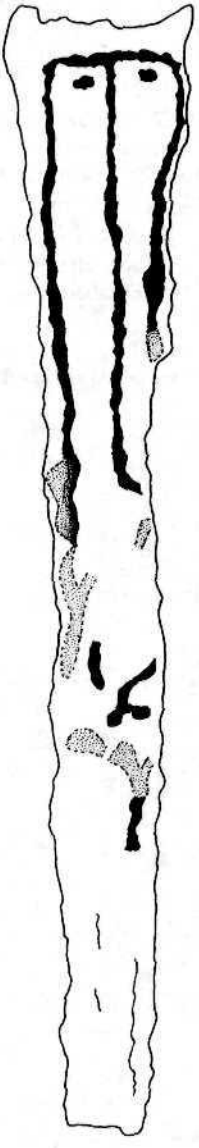
SILVA, Eduardo Jorge L. da (1993), *Représentations humaines sur deux Monuments Mégalithiques de la Région Nord du Portugal*, Actas do "115e.Congr. Nat. des Soc. sav.", Avignon, 1990, Pré- et Protohistoire", Paris, p. 21-27.

TWOHIG, Elizabeth Shee (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.

* Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense.



1 - Mamoa da Eireira (dólmen de Afife) - Viana do Castelo.
2 - Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães).



A estela da Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães)